

20/04/2023 10:01:35 - AE NEWS

ARTIGO/MARCELO KFOURY MUINHOS: RISCOS DA FRAGMENTAÇÃO ECONÔMICA E CONSEQUÊNCIAS PARA O BRASIL



As importações mundiais com relação ao PIB global apresentam uma tendência de estabilidade desde 2008 após crescer fortemente desde o fim do regime de Bretton Woods e os fluxos financeiros também pararam de crescer no mesmo período. Esse fenômeno está sendo chamado de Slowbalization, mas dados os últimos acontecimentos como a invasão da Ucrânia e as restrições ao comércio de semicondutores com a China, aumentaram os temores de estarmos entrando numa nova fase, chamada de fragmentação econômica. O presente artigo traz uma discussão sobre os riscos da fragmentação e a inserção brasileira na potencial nova ordem mundial.

O mundo viveu uma época de aumento sem precedentes na integração e cooperação econômica com a remoção de barreiras comerciais e aumento de fluxo de capitais cross-border entre 1980 e 2008. O que preocupa é que a última vez que a geopolítica se tornou fator preponderante nas decisões econômicas, com preocupações de defender interesses nacionais e de segurança, foi no período entre guerras de 1914-45.

Segundo Aiyar e Ilyina (2023), "com as preocupações com a segurança energética, a segurança alimentar, a resiliência das cadeias de abastecimento globais e a garantia de minerais para a transição energética em primeiro plano, os países parecem estar cada vez mais dispostos a gerenciar esses riscos por meio de políticas protecionistas que podem prejudicar os outros".

Apesar de claros benefícios, há desconfiança em relação à globalização. Os mecanismos de transmissão da integração econômica são vários. Segundo Aiyar and Ilyina (2023)(1), "por várias décadas, o comércio internacional atuou como um catalisador para a convergência da renda entre os países, uma grande redução da pobreza global e preços mais baratos, especialmente para consumidores de baixa renda." Também pode-se considerar que a migração dos trabalhadores produziu benefícios para firmas e pessoas com melhor alocação de trabalho em países com diferentes níveis de renda e produtividade, além de gerar remessas para os países de origem.

Os fluxos de capital, através dos FDI, promoveram financiamento a países menos desenvolvidos, contribuindo para elevar a produtividade e aprofundar o sistema financeiro. Não se pode deixar de considerar a difusão tecnológica como importante canal para ajudar diversos países a se aproximarem da fronteira de produção global.

Mesmo considerando os problemas que vieram com a globalização - entre eles, algum aumento da desigualdade dentro dos países, fuga de talentos de países menos desenvolvidos e a transmissão e ampliação de crises financeiras - houve uma mudança no discurso público em favor de pautas protecionistas. Entre as razões alegadas estão a falta de resiliência dos canais globais de valor, principalmente em questões de suprimentos de

24/Abr/2023 09:20

Pág. 1 / 3

saúde durante a pandemia e razões de segurança nacional para não depender de bens intermediários e energéticos de nações não consideradas amigas.

Os custos associados à fragmentação econômica são de difícil mensuração, podendo ser de 1% a 12% do GDP mundial no longo prazo devido a decréscimo do comércio ou a menor difusão tecnológica dependendo das hipóteses e cenários adotados nos estudos. Mesmo com as incertezas sobre os custos, algumas conclusões podem ser tiradas, segundo Nota para Discussão feita pelo *staff* do FMI com vários autores entre eles Shekhar Aiyar de janeiro de 2023(2): (i) os custos são maiores quanto maior for a fragmentação; (ii) a redução na difusão tecnológica é poderosa ampliadora do canal comercial, (iii) quanto mais atrasado o país, maior o risco da fragmentação no comércio e na tecnologia entre outros.

Já em relação aos aspectos financeiros, pode se verificar uma diminuição gradual das reservas em dólar e se observou aumento forte nas compras de ouro pelos bancos centrais no 3º tri de 2022. Também é possível ocorrer alguma diminuição das cotações das transações internacionais em dólar, o que ainda não se verificou, além da construção de alternativas regionais ao sistema global de pagamentos (SWIFT), do qual a Rússia foi expulsa como retaliação a invasão a Ucrânia.

Há uma pressão, principalmente dos Estados Unidos, das firmas aumentarem a resiliência das suas cadeias de suprimentos ao minimizarem riscos de segurança e logísticos, considerando opções de *reshoring & friend-shoring*. Porém, a resiliência das cadeias produtivas a choques é melhor ao se diversificar a origem dos insumos segundo texto do FMI 2022. O Brasil, com uma tradição mais neutra de política externa, pode não se beneficiar do *friend-shoring*.

Num momento de posições acirradas com risco de fragmentação geopolítica, as declarações do presidente Lula em recente viagem à China soaram mal junto aos países ocidentais, mas não devem impactar seriamente as relações com parceiros tradicionais do Brasil. A mais infeliz declaração foi que a Ucrânia e os Estados Unidos são corresponsáveis no conflito. Fica patente aí um velho ranço anti-americano das esquerdas brasileiras e latino-americanas na fala de Lula, que ultimamente não tem medido bem as palavras em seus discursos.

Claramente esse conflito foi iniciado com uma agressão unilateral da Rússia e não é possível relativizar, equalizando a culpa. De qualquer maneira, seria um erro achar que os comentários de Lula são adesão ao bloco China/Rússia ao invés de EUA/Europa. O objetivo da retórica sobre a guerra, segundo a Eurásia, é salientar que ambos os lados têm que fazer concessões, mas falha diminuindo as chances reais de ser um potencial intermediador do conflito.

A retórica do líder brasileiro, que não combina com a tradição diplomática de neutralidade do país, não deve atrapalhar a principal prioridade externa brasileira, que é assinar o acordo comercial Mercosul-União Europeia ainda esse ano. Segundo a Eurásia, para a Europa, há interesse em assinar o tratado, dada a crise energética e o preço alto dos alimentos devido a guerra, além do fato que com a eleição do presidente Lula, os obstáculos ambientais podem ser solucionados.

Ainda há uma lista de compromissos ambientais que foram apresentados e que o Brasil considera duros e protecionistas. Uma saída seria considerar que as exigências ambientais para o Brasil fossem as mesmas aplicadas a países considerados de baixo risco de acordo com o *benchmark* da lei de desmatamento. O acordo Mercosul-União Europeia, segundo dados do SISCOMEX, sugerem que o acordo pode impulsionar as exportações brasileiras para a UE em quase US\$ 100 bilhões até 2035.

(1)Geo-economic fragmentation and the world economy. VoxEU COLUMN 27 mar 2023

(2)Goeconomic Fragmetantion and the Future of Multilateralism. IMF Staff Discussion Notes (2023)

Marcelo Kfoury Muinhos é professor da FGV-EESP e consultor econômico. Foi economista-chefe do Citi-Brasil e chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Central.

*Os artigos publicados no **Broadcast** expressam as opiniões e visões de seus autores.*